

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Liberal

Class.: 164

Data: 18/03/86

Pg.: _____

4468

Lucio Flavio Pinto

Os direitos dos índios

A questão indígena tem sido tratada com incompetência, displicência e má fé no atacado, sobrando as honrosas exceções de sempre no varejo. Com 200 mil integrantes (10% do contingente à época das "descobertas", segundo as estimativas conservadoras), a comunidade indígena é uma das menos expressivas minorias raciais ou étnicas do país, em termos estritamente numéricos. A diferença, reciclada para o terreno da moral e da ética, está em que foi esse o agrupamento humano original do que consideramos hoje como sendo a nossa pátria.

O "problema indígena" estaria resolvido quando já não houvesse mais índios. Uns tomaram a frase ao pé da letra, dedicando-se a praticar massacres que só agora os historiadores mais argutos (como o grupo do Cedeam, em Manaus) começam a inventariar. Outros foram mais sofisticados: optaram pela política de integração e aculturação, embora as melhores cabeças da Antropologia continuem alertando que esse processo tem fabricado apenas párias e subcidadãos. O índio não perde inteiramente a sua identidade étnica, mas não se adapta à sociedade estratificada ou de classes, conforme o gosto interpretativo.

A realidade de campo, porém, tem sido muito mais dinâmica do que podem captá-la os esquemas explicativos antropológicos em uso. Alguém que tenha formado sua consciência mais pela observação empírica do que por leituras, deve ter considerado desajeitado o reencontro entre o antropólogo Roberto da Matta e os índios Gaviões, promovido meses atrás por uma rede de televisão. Quando os antropólogos faziam seus grandes es-

tudos sobre as histórias das culturas ditas primitivas, elas estavam apenas em fricção interétnica com o mundo ao redor. Hoje há o conflito aberto. E há também uma penetração ampla, sinuosa, promiscua. Os dois mundos já não estão mais tão bem separados ou distintos como a água e o vinho.

O mundo do dinheiro, que transforma cada objeto em mercadoria e põe em funcionamento o seu poderoso fetiche, está penetrando em cada uma das mais importantes aldeias indígenas do Brasil. Com maior virulência, esta ofensiva ocorre na Amazônia: tribos inteiras passam da idade da pedra para as transações de papéis bruscamente. Não há diques eficazes contra a erosão do dinheiro, que penetra subterraneamente e vai emergir muito à frente. A chamada questão indígena tem que ser adaptada a esta realidade mutante, febril. Se continuar bitolada pelos conceitos clássicos, dos manuais de Antropologia, vai nos deixar tratando dos sexos dos anjos, ou cantando cantiga de ninar o boi da cara preta, que tem medo de careta (dizem).

Os Gaviões mesmo estão bem perto de nós revelando a face contemporânea da questão, que não consta dos compêndios. Ela tem que ser aprendida na prática e resolvida no curso dos acontecimentos para não se tornar apenas evento de interesse acadêmico. Os acadêmicos continuam, os índios desaparecem. Os Gaviões foram os primeiros a receber diretamente a renda de seu trabalho, 10 anos atrás. Romperam o monopólio do antigo DGPI (Departamento Geral do Patrimônio Indígena). Sabiam que o tutor ficava com o dinheiro da tribo, dando apenas

migalhas. Quando foram vender a safra de castanha verificaram que podiam ter saldo e ficar com dinheiro vivo. Nos anos seguintes os Gaviões conseguiram mais duas indenizações e o dinheiro formou um fundo que alimentou os investimentos da tribo. Foi assim que construíram a primeira aldeia indígena de alvenaria. Foram também os primeiros índios a abrir caderneta de poupança e a aplicar no (open).

Entraram, portanto, nas regras do dinheiro. Os criadores dessas regras ficaram de certa maneira chocados. Neste momento, prefeririam a "pureza" étnica dos índios. Mas vão ficar mais chocados com as novidades surgidas na trilha dos Gaviões. Os Kayapós já têm seu avião particular e compraram um equipamento completo de vídeo-cassete, jogando na lixeira a revolução que Mário Juruna empreendeu anos atrás com o seu gravador.

As consequências dessa atualização tecnológica são ainda imprevisíveis, mas não se pode evitá-las. Ainda haverá muita polêmica e, inevitavelmente, muito sensacionalismo nas discussões. Para os índios, mesmo que esses hábitos possam ser também um modismo e mero consumismo, isto não significa afluência. Os Gaviões vivem no momento o problema básico multiseccular das relações com a sociedade envolvente: a usurpação de suas terras. Há seis anos a reserva Mãe Maria vem sendo invadida sem que eles consigam ajuda para conter essa invasão. Desde 3 de dezembro do ano passado, data da última reunião com os órgãos governamentais, aguardam providências que não vêm.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Liberal Class.: 164

Data: 18/03/86 Pg.: (Cont.)

O problema não se reduz ao tradicional conflito com proprietários inescrupulosos ou invasões baseadas na "grilagem" (que, no caso deles, remontam a 1936). Agora, há um novo componente: são os posseiros. Aqueles que os defendem a estes conseguem outra maneira de fazer valer os direitos dos lavradores senão esmagando os dos índios, que são anteriores. Esta visão oblíqua e mal informada pode fazer com que, neste aspecto, ao avançarmos, estejamos regredindo, jogando fracos contra fracos.